

SAU MOURA BIS

III



MOURA BISSAU

TEXTOS Armando Napoco, José Maria Pós-de-Mina e Santiago Macias

FOTOGRAFIAS Santiago Macias

DESIGN GRÁFICO TVM Designers

VERSÃO EM CRIOULO GUINEENSE Odete Semedo

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO Textype

EDIÇÃO Câmara Municipal de Moura, Moura, 2010

TIRAGEM 1000 exemplares

ISBN 978-972-8192-42-6

DEPÓSITO LEGAL 310 693/10



Os processos de gemação têm por base a vontade comum de estreitamento de laços de cooperação entre dois municípios. Assumindo a forma mais elevada. Transformando-se em irmãs gêmeas. Partilhando objectivos e ambições comuns. Partindo de um conhecimento mais aprofundado da realidade de cada um. E do que cada um pode fazer pelo outro. Numa soma em que um mais um é bem mais do que dois.

A história da gemação entre Moura e Bissau tem tido momentos altos e baixos devido a diversas vicissitudes que têm afectado a evolução natural da cooperação.

A recente visita que efectuámos traduz a nossa firme vontade de dar um novo impulso à relação entre as nossas cidades. A edição deste livro é mais um passo nessa caminhada. Porque nos aproxima mais. Porque contribui para um melhor conhecimento das duas cidades.

Resulta de uma visita a Bissau e de uma vontade de divulgar imagens que exprimem vivências que sendo diferentes também têm traços comuns, num misto de contradição e de complementaridade.

Gostei de conhecer Bissau. Apesar das suas dificuldades e de seus problemas estruturais é uma cidade que atrai os visitantes. Pelo seu ambiente aprazível e por estar feita à escala humana. A luta por um futuro melhor é uma causa comum às nossas cidades. Isso mostra-nos que faz sentido esta gemação. E faz sentido que ela se desenvolva e aprofunde. É o que iremos fazer.

A edição do livro Moura-Bissau, traduz, necessariamente, um testemunho dos momentos históricos que marcaram a firme vontade de se aprofundar, estreitar e consolidar as relações de amizade e de fraternidade existentes entre as duas cidades. As fotos do livro constituem, antes de tudo, um arquivo patrimonial e ilustram uma etapa da evolução histórica do Município de Bissau, caracterizada por padrões de mosaicos culturais, arquitectónicos da capital guineense e da sua gente.

Constitui por si, a Edição do livro, um capital de reconhecimento da necessidade de preservar o passado histórico para melhor edificar o futuro. Conservar o património cultural no sentido de preservar em arquivo fotográfico, a história recente da capital guineense, com uma população pacífica, amante do progresso e do bem-estar e que, se apressa a entrar nos vagões do combóio de desenvolvimento do século XXI. E, ao escolher a vertente da cooperação descentralizada quer abrir-se e aproximar-se às comunidades de outros Países e, no caso em concreto, a cidade de Moura e sua comunidade para desenvolver acções de coperação social, cultural e infra-estrutural.

Neste quadro, atribuímos de importante enquanto arquivo histórico, a edição deste livro Moura-Bissau, cuja publicação decorre no momento da visita à cidade irmã de Moura. Temos a certeza porém de que colocamos ao público e para geração futura um arquivo fotografico de capital importancia para fins diversos.

A bem da Amizade e Fraternidade entre Bissau e Moura.

ARMANDO ANTÓNIO NAPOCO · *Presidente da Câmara Municipal de Bissau*

As cidades são um palimpsesto. As cidades escrevem-se no tempo e são a escrita do tempo. As cidades escrevem-se devagar, ao longo de séculos ou de milénios. Os séculos mudam-nas, apagam e reescrevem as suas páginas. Que são refeitas vezes sem conta. De dia e de noite, porque as cidades são, como as consoantes do alifato, solares e lunares. Os dias de Bissau e as noites de Moura fazem parte dessa escrita, que nem sempre é linear. E que nunca é silenciosa.

Os sítios não são um acaso da sorte ou do destino. Os primeiros a chegar foram, ao mesmo tempo, geólogos e geógrafos e arquitectos e urbanistas. Não sabiam que o eram, mas esse é o detalhe menos importante da história. Preferiram pontos altos e a proximidade dos rios, para se protegerem das ameaças que conheciam e, sobretudo, das que não conheciam.

As ruas das cidades contam-nos a história das cidades, e a vida de quem lá viveu. Os séculos sobrepõem-se e anulam-se, como na face de um velho palimpsesto. Cada troço de rua, cada esquina, cada porta nos conta uma história ou parte de uma história. Dentro de uma cidade esconde-se sempre outra, com o que ficou de tempos idos a ler-se, por vezes com dificuldade, por entre o que se cortou e o que se acrescentou ao longo dos séculos. Onde havia uma pequena rua exige-se agora uma passagem larga para circularem automóveis, onde estava o regato fez-se uma via rápida, onde se via um pequeno cais há agora um aterro e o porto novo, para navios grandes, fez-se mais além, mais perto do mar. Essas alterações pressentem-se, mas nem sempre são claras, na luz baça e quente das manhãs de Bissau ou na escuridão recortada e fria das madrugadas de Moura.

As cidades coloniais são obra de militares, traçadas com a régua do poder. As plantas dessas cidade, vistas só em planta, são um enredo de ruas, direitas e com rigidez castrense.

Aí fica Bissau velho, mas a nós há-de parecer-nos quase novo, com linhas direitas e precisas e sem muita gente à vista. Onde o braço do poder não chegou uma lassidão curvilínea apoderou-se do desenho das ruas. Surgem nomes de sons estranhos a ouvidos europeus: Missirá e Bandim, para oeste, Pefiné e Amedalai, para noroeste. Vivem nesses bairros pessoas que nos chamam à passagem. Uma vez e outra.

Bissau é cidade recente. Há uns séculos atrás ninguém passeava ao longo da corrente rápida do Geba porque a cidade ainda não existia. Os primeiros que chegaram, há muitos anos, encostaram-se ao litoral, e nele copiaram tudo o que sabiam da maneira de fazer fortificações, de desenhar ruas e de construir cidades. Por aí ficaram. Terra dentro e rio acima era o desconhecido. Aí ficava o coração das trevas.

Agora é Inverno em Bissau, aceitemos que 35° possam ser Inverno, e por isso o tempo é muito seco. O calor ainda vem longe e mais longe ainda está a chuva. Tenho dificuldade em imaginar como serão os dias de Verão, com a chuva que não pára, os mosquitos e um calor terrível, que só conhecemos dos compêndios de geografia.

O dia cansou-se e, mais a norte, vem a noite. Na noite cheia de luz do norte fica Moura. Em tempos, os viajantes reconheciam as cidades pelo perfil que se recortava no horizonte. A sombra escura do castelo que se desenhava ao longe era, muitas vezes, o único ponto de abrigo em território hostil. O desenho das sombras da noite de Moura não mudou em muitos séculos. À noite, mais que nunca, é preciso olhar a luz para ver as sombras. O dédalo do norte é mais ordenado que o do sul. Ou parece sê-lo. As casas do norte também têm paredes em terra. Mas a cor da terra é aí coberta pelo véu da cal. E, assim, as paredes brancas contrastam mais com a pele escura da noite.

Quando nos afastamos para as ruas laterais, onde há sempre menos gente, as cidades parecem-nos mais velhas e gastas. Mas não é assim em todas as cidades e em todos os sítios, com os prédios antigos com rugas traçadas pelo ar salgado ou pela secura do interior? Não é assim em todos os sítios que foram uma coisa e deixaram de o ser? Há casas onde viveu gente e agora não mora ninguém, o que faz delas apenas um conjunto de muros abandonados e a memória de glórias usadas e esquecidas. As cidades são isso, também.

No outro dia, quando a noite já não era noite e o dia ainda só espreitava, as ruas estavam desertas e sem um som. Nos largos apenas se ouvia o rumor dos papéis que o vento levantava e depois ia pousar no mesmo sítio, exactamente no mesmo sítio. Alguns toldos balouçavam devagar com a primeira aragem da manhã, enquanto as luzes se iam apagando devagar e ficando sem préstimo. Moura parecia ter ficado deserta e sido varrida da face da Terra. Onde estão “os que há pouco dançavam, cantavam e riam ao pé das fogueiras acesas?”

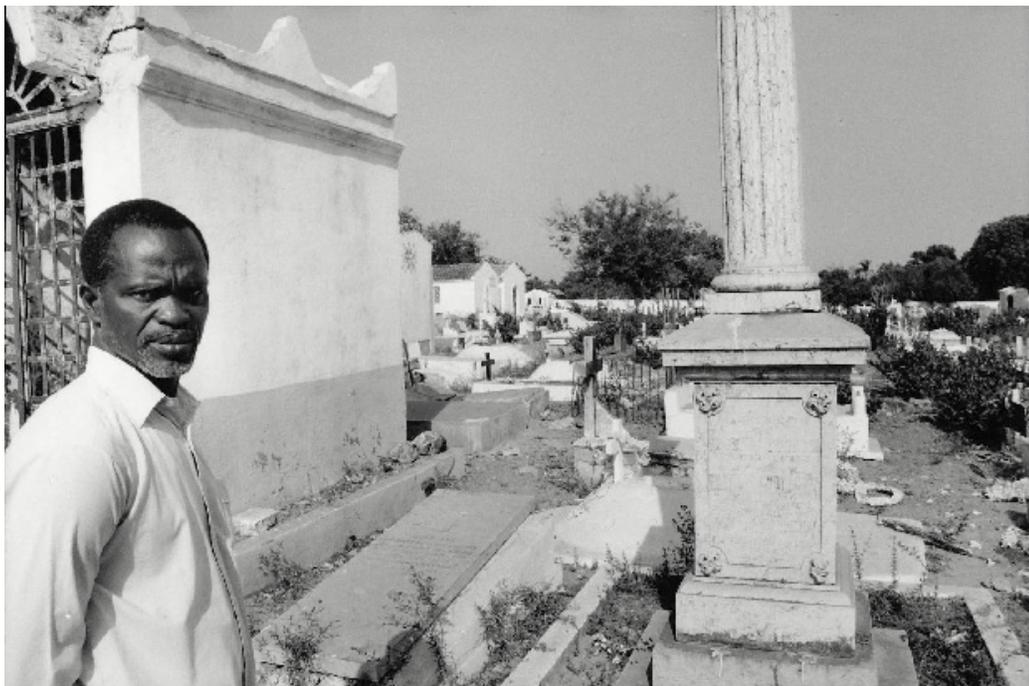
Chove a norte e a sul. A água do norte lança brilho sobre o deserto das calçadas. A sul chovem, na perpendicular, raios de um sol impiedoso. Não pára de chover. Num sítio porque é um Inverno de sol, no outro porque o Inverno é frio e de chuva.

Um dia, vão ficar para trás as sombras e o frio. Nesse dia quando voltarmos a encontrar o caminho do sul, iremos em direcção a um inverno de sol. Onde haverá acácias e bonitas mulheres, cujas pulseiras rivalizam com a curva do Geba, antes deste se perder no coração das trevas.

SANTIAGO MACIAS

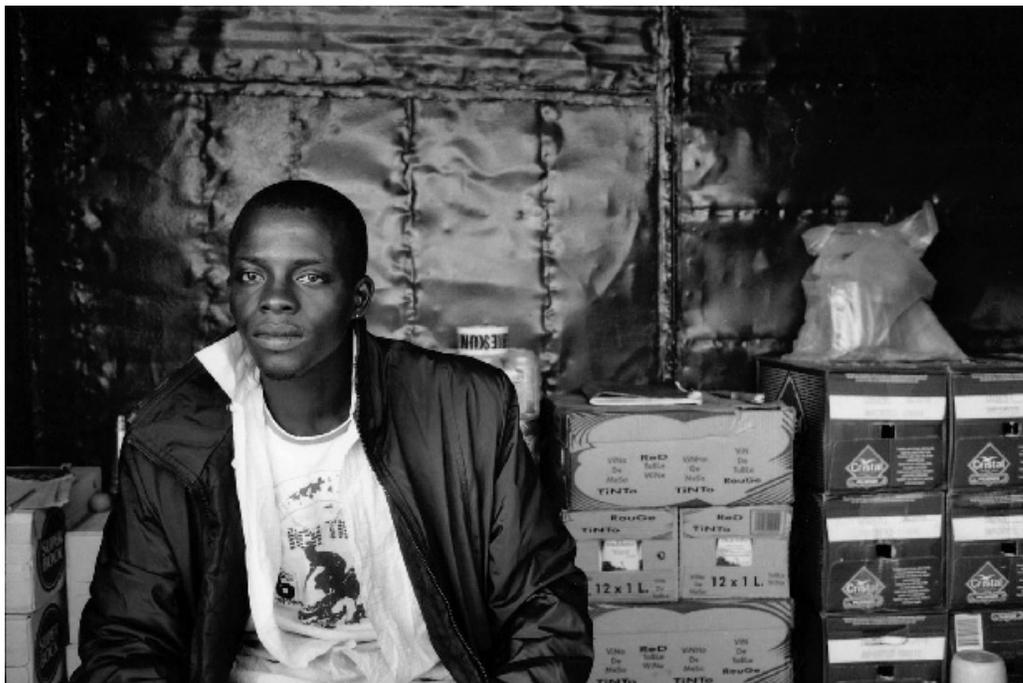








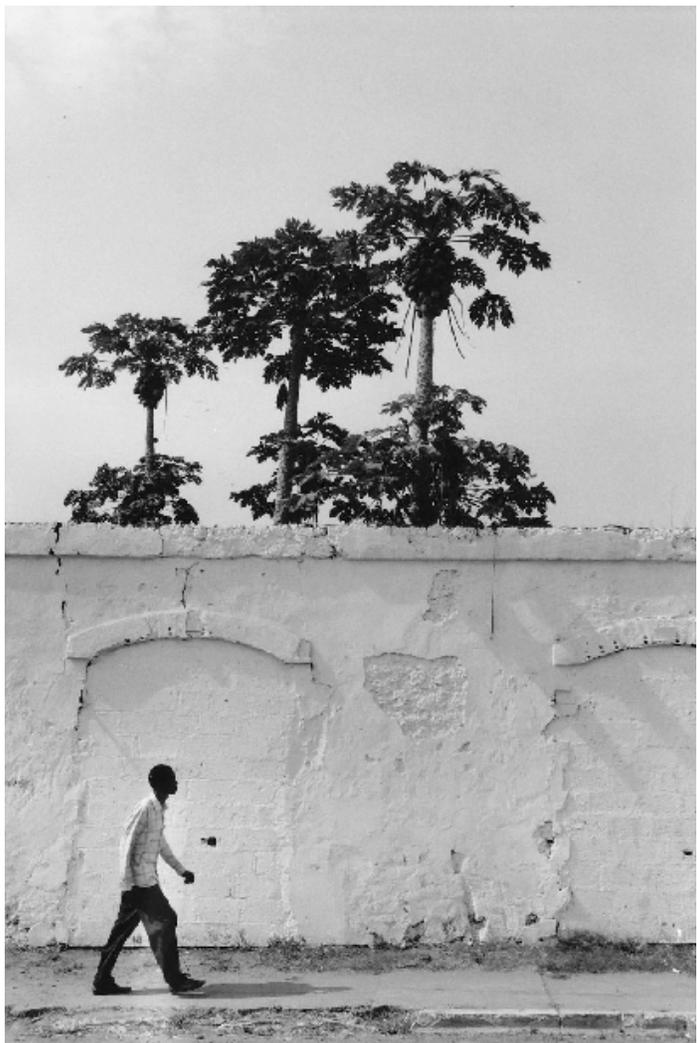


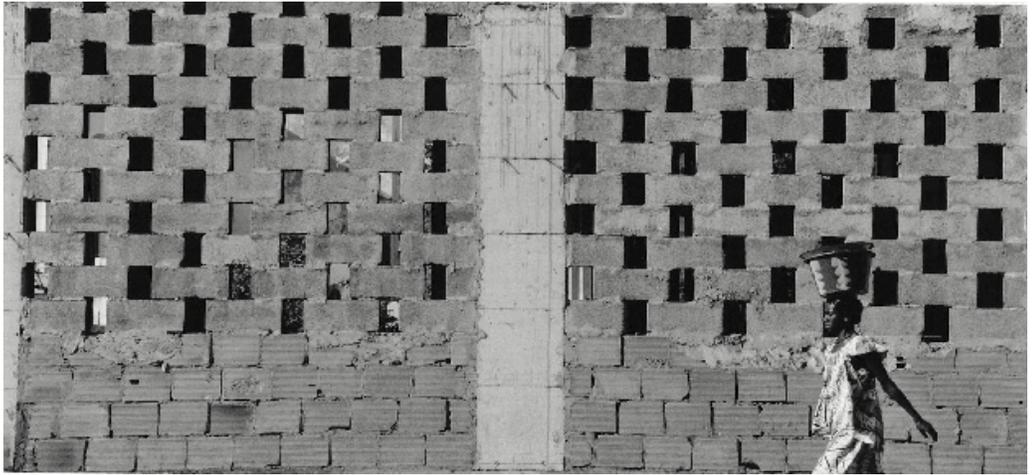










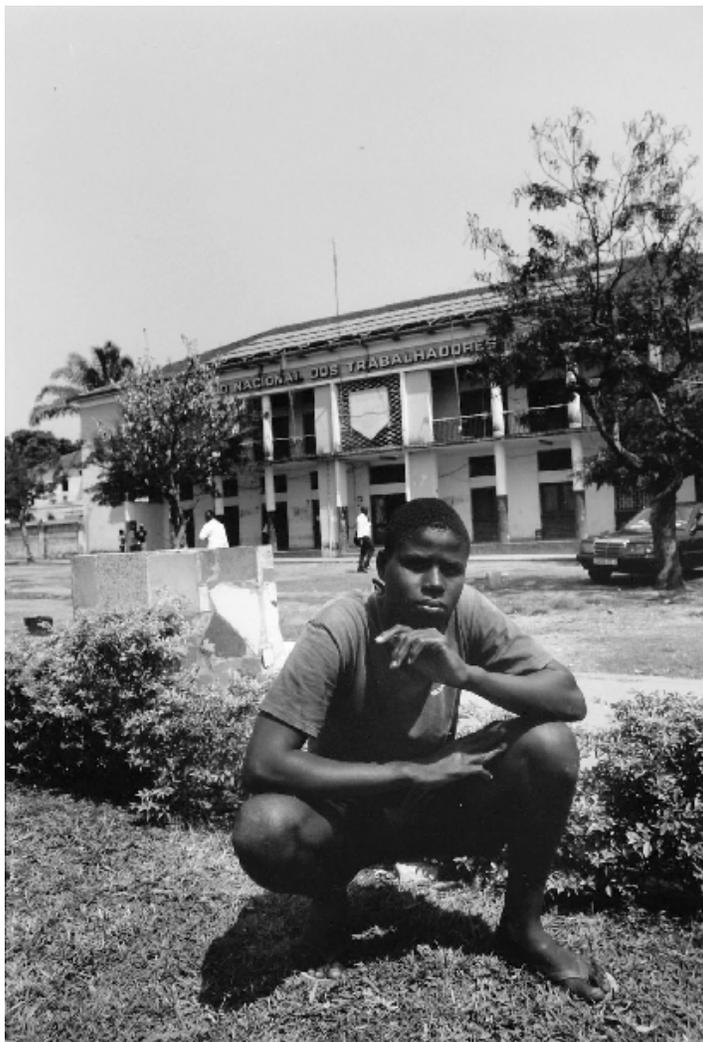












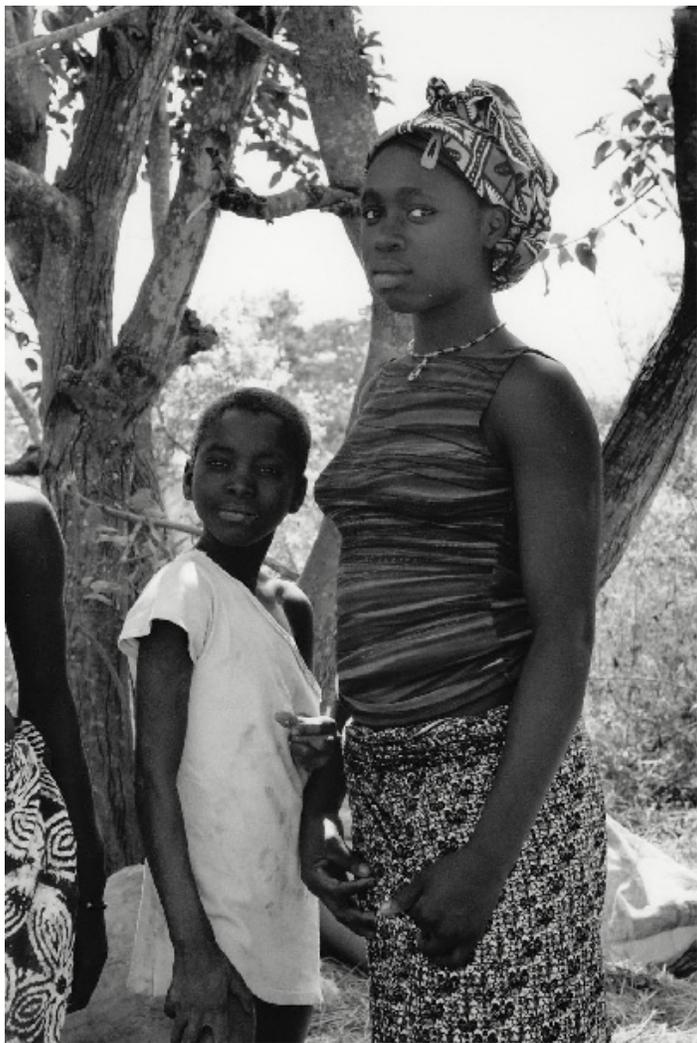




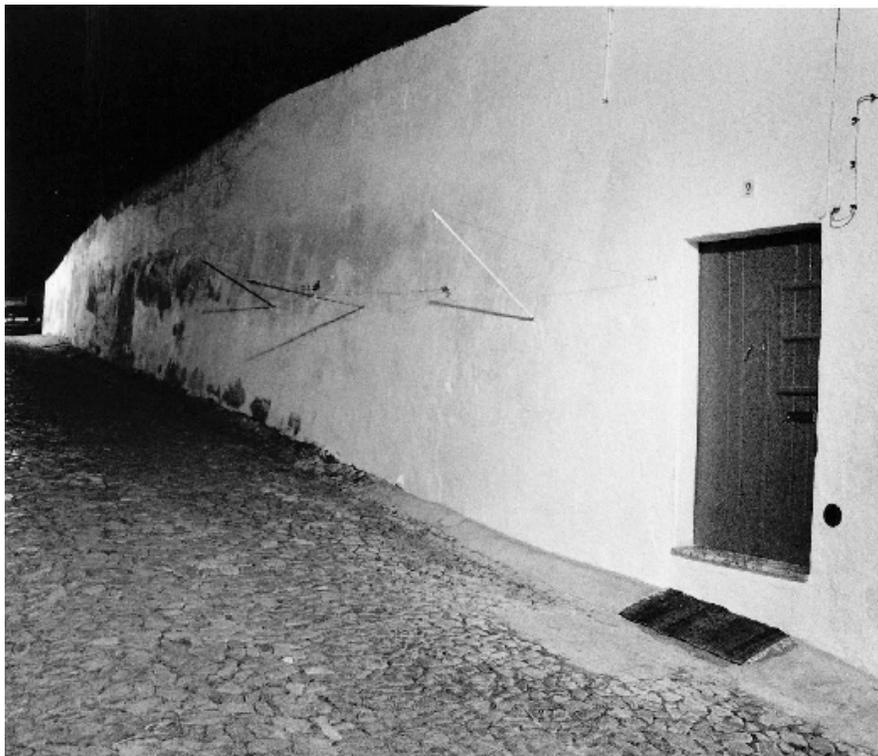


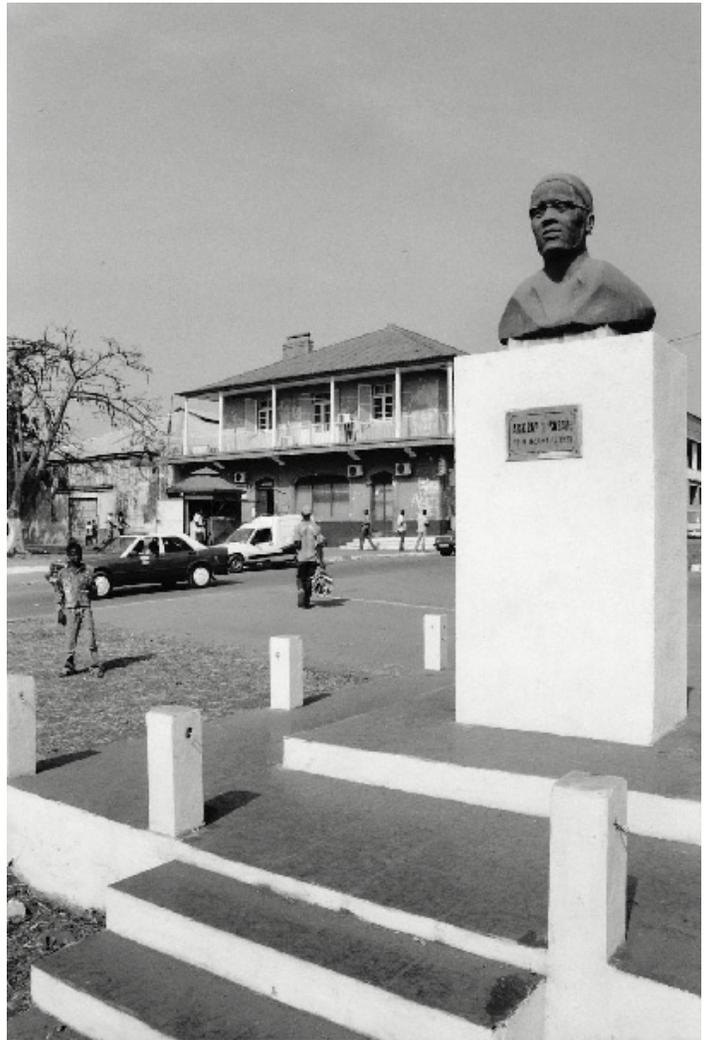


























Storia sinanu kuma tratu entri metadi di instituisons ta firma, i ta tisi purbitu, ora ku partis pui mon e djunta sintidu pa iangasa meta. Ma i omis ku mindjeris ku ta firmanta kualker progetu di djunta mon entri pubis. Elis tamba ku ta marka storia e ta disa tustumunhu na manga di forma.

Edison di e libru Bissau-Moura ta mostra bontadi di tustumunha kaminhus ku marka storia di no dus prasa. I na marka inda un bontadi garandi di pui firkidja na es mandjuandadi di amisadi ku ermondadi na metadi di Bissau ku Moura. Di es manera, litratu ku ta odjadu na e libru, antis di tudu kusa, i un ben di balur ku ta mostra storia di kuma ku munisipiu di Bissau kirsi. I kirsi markadu pa listradura di si cultura, pa listradura di manera di kumpu, ku ta odjadu na prasa di Bissau; ku ta odjadu tamba na si djintis.

E libru, el son son, i tustumunhu di misti ku no misti tadja tempus ku pasa, tadja storia, pa futuru pudi tene firkidja ku na sustental. Tadja ben di balur di un kultura na forma di litratu i un manera di rakada storia di aonti di prasa ginensi. I um manera di pudi lembra pasadu di um pupulason ku misti bai dianti, ku misti sinta sabi; pupulason ku misti mati na mandjuandadi di dizinvolvimentu ku es tempu na prupui pa kada Estadu. Otcha munisipio di Bissau disidi rinka na kaminhu di disentraliza si tratu ku utrus sidadi, i mostra kuma si bontadi i di pertu utrus munisipio. Des bias i sidadi di Moura ku si djintis. I e sidade ku na djunta mon ku Bissau, pa pudi dizinvolvi tarbadjus tantu na kaminhu sosial, suma kultural ku na aria di infrastrutura.

Nes sintidu, e libru tene pa nos balur di un kau di rakada no storia. Um libru ku na pubilkadu djustu na e ora ku no bin djubi prasa di Moura, sidadi ermon di no prasa di Bissau. Nes ora, no misti firmanta tamba no serteza di kuma no na pui na mon di pubilku, na mon di mininus di aos ku di amanha un arkivu ku litratu di garandi balur, ku na pudi bin sirbi pa manga di mistida.

Pa ben di amisadi ku ermondadi na metadi di Bissau ku Moura.

Firkidja di djunta mon entri dus munisipio sta na se bontadi di firmanta amizadi. Geminason i si forma mas garandi, paki i manera kuma ku dus sidadi ta bida ermon djemia. E ta djunta sintidu, e ta filanta se bontadi, e ta filanta se ambison. Ma, pa kila, kombensa di kumsada i kungsi na fundu rialidadi di kada ermon, ke ku kada un son pudi fasi pa si kumpanher. Es i un manera di fasi konta nunde ku un mas un ta mas dus.

Storia di ermondadi di Moura ku Bissau i ta kuri te... i ta para pabia di manga di kusas ku ka disa es tarbadju di djunta mon pa i kirsi dritu e pa i baiba dianti mas di ke sin.

Es mantenha ku no bai fala na Bissau i mostra no garandi bontadi di pintcha no tratu pa dianti, pa djubi si no ta sakudi kurpu di no dus munisipio. Edison di es libru i mas un pasu na es ianda ku no na ianda sin. I na pertusinu di kumpanher, pabia i na djuda no dus sidadi pa e kungsi n'utru kada bias mas.

I risultadu di un visita, di mantenha ku no leba Bissau; i risultadu tambi di bontadi ku no tene di mostra pa tudu djinti litratu ku ta tustumunha kuma ku no pubis sinte, se dia a dia. Kuntudu, manera di sinte ka djuntu, ma manga di kusas parsi. Kin ku djubi dritu pudi rapara kuma i ten kontradison suma ku i ten tambi konplimentaridadi.

N gusta di Bissau, e bai ku n bai la sin. Kuntudu kansera ten, i tene purbulemas garandi, ma i un sidadi ku ta neni si ospris. Pa si sabura, pa kuma ku ospris ta sinti gasadju na rostu di pubis. Luta pa un amanha mindjor i un di kusas ku djunta Bissau ku Moura. I es luta ku mostranu tambi kuma no dibi di djunta mon. No dibi di djunta mon pa firmanta es amizadi, pa dizinvolvil. I el ku no na bai fasi.

Prasas i suma ora ku bu na djubi rostu di fidju, ma bu na odja parsensa di rostu di si mame ku si papi. Sidadis o prasas e ta skirbidu na tempu, ma elis na se po di kurpu i kusa ku skirbidu. Prasa ta skirbidu divagarinhu, pikininu... pikininu, anu fora anu dentru. Anus ku ta muda sidadis, anus ku ta paga, i ta skirbi i torna skirbi mas na si fodjas. Si fodjas ta fasidu i torna fasidu, kantu bias ku ningin ka pudi kaba kontal. Prasas i suma letra di alfabetu, di dia e ta iardi suma sol, di noti e ta lumia suma lun'a. Dias di Bissau ku notis di Moura e fasi parti di e skrita; un skrita ku si kaminhu i ka di kumpridu. Ma tamba i ka di mukur-mukur.

Kaus ku ten na mundu i ka sorti nin i ka distinu. Kilis ku tchiga purmeru, e bin djuntu, i giologus, giografus, arkitetus ku kumpuduris di prasa. Elis propi e ka sibiba kuma e sedu e kusas tudu. Ma gosi sin e asuntu i son un padas di e storia. E buska kaus mas altu, riba, ma ku pertu riu, pa e pudi tadja se kabesa di mufunesa ku e kunsiba dja, ma tamba di foronta ku e ka kunsiba inda.

Ruas di prasas i suma un libru di pasada. I ta kontanu si storia di siu propi, ku storia di djintis ku sintaba dja la disna tarda. Anus ta kai riba di n'utru, anus ta bafa anus suma parsensa di rostu di pape ku mame na rostu di se fidju. Kada padas di un rua, kada boltia di un beku, kada porta ku firma ta kontanu un storia ou padas di un storia. Dentru di un prasa sempri i ta sukundi padasis di utrus prasas. E padasinhus ta leidu, ma as bes i ta kansadu lei; pabia na tarbadju di kumpu sempri i ta ten kusas ku ta mungutidu, suma ku i ta ten tamba kilis ku ta buridu, na bai ku bin di anus. Nunde ku i staba un ruasinhu aos no ta odja un rua garandi ku iabridu pa manga di karus pudi ba ta pasa; nunde ku un riusinhu o udju di fonti ta kuriba nel, aos i un strada largu. Nunde ku un purtusinhu staba nel aos no ta odja iagu nteradu, kil kau bidantadu ntera. Purtu nobu kila bai kumpudu la... la, na kau mas lundju, pertu di mar, pa barkus garandi pudi ba ta fundia la. E alterason ta sintidu, ma i ka tudu ora ku i ta limpu pus, pa djintis panha pe kuma i na sedu. I ka ta sintidu na lus serenadu, na lus kinti di parmanha di Bissau, nin na sukuru firiu di Moura, sukuru ku ta serka fuska-fuska di si mandurgada.

Prasas di tempu di kolon i obras ku militarís fasi, i riskadu ku régua di puder. Plantas di e sidadis, si i djubidu son na si dizenhu, i ruas ku fura e sai na n'utru. Tudo riskadu dritu, sin kurbas, suma manda di militar. La ku Bissau bedju fika nel, ma pa nos, i pude te parsinu kuas nobu, ku linhas di kumpridu, ku ka djingi-djingi, kaba sin manga di djintis. Si bu sukuta, bu ta obi nomis ku ta parsi stranhu pa eropeus: nomis suma Missirá ku Bandim, na ladu oesti, Pefiné ku Amedalai, na noruesti. Djintis ku mora na e bairus i kilis ku ta tchamanu ora ku no na pasa. Un o utru bias.

Bissau i un sidadi nobu. Na anus ku pasa disna tarda ningin ka ta pasaba na ridjeru pertu di Geba pabia prasa ka kumpudu ba inda la. Purmeru djintis ku tchiga la, i fasi dja manga di anus, e ngosta na nbera, é remenda tudu ke ki e sibiba fasi pa kumpu tapadu, pa pudiba fitcha kintal di moransa, dizenha ruas pa pudi kumpu prasas. Ala ku e fika. Ampus e ka kunsiba matu fitchadu na ntera nin mar di fora. Kil ladus eraba matu seradu, sukuru ku e ka kunsiba.

Gosi i kunfentu na Bissau, no seta kuma 35° pudi sedu kunfentu, pabia di kila tempu seku kan. Kalur na bin di lundju, ma ku mas lundju nos inda i tchuba. Nin nka misti kuda kuma ku tempu di tchuba sedu li na Bissau, ku tchuba ku ka ta para, ku miskitu, ku kalur ku ningin ka ta pudi nguenta. Ma esis i kusas ku no kungsi son na libru di giografia.

Dia na disi kansadu, la mas pa norti, noti na n'atinha pa bin. Noti lumiadu di lus la na norti, ala ku Moura fika nel. Na kil tempus ba biaserus ta raparaba prasas ora ku e djubi rostu di prasa, suma ku i ta sta na kaida di sol, la na ponta di seu. Sombra sukuru di kastelu ku ta dizenha di lundju na udju di kin ku na bin, i eraba, manga di bias, na kil tempu, uniku puntu ku biaserus pudiba ndjarga nel, na un tera sin osprindadi. Dizenhu di sombras di dinoti na Moura ka muda na es bai ku bin di anus. Di noti, mas di ki kualker ora, i pirsis djubi lus pa bu pudi odja sombras. Bekus ku kaminhusinhus di norti i mas sta dritu di ki bekusinhus di sul. O i ta parsi nan son. Kasas di norti tene tambí paridi di lama, di taipi, ma kal ku i ta kaiadu kel ta tapa kor di lama. Des manera, ora ku sol fitcha, paridi braku ta madja sukuru di di noti. I nubdadi.

Ora ku no rakua pa ruas di kada ladu, nunde ku djintis ka ta tchiu nel, prasas ta parsi mas bedju, mas disgastadu. Ma i ka asin na tudu prasas, na tudu kau, ku tene sobradis antigu, ku sinal markadu pa bentu salgadu o sekuru di intirior? Nta i ka asin ba na tudu kau ku tchigaba di sedu un kusa, ma ku dipus e bin bin disa di sedu? I ten kasas nunde ku djintis moraba nel, ma ku gosi ningin ka mora nelis. Es ta bidanta elis un konjuntu di murus largadu na nbera ku lembransa di glorias ku vividu ma ku diskisidu dja. Prasa i es tambi.

Kil dia, otcha noti i ka noti ba inda, otcha dia na djimpini ba inda tambi, ruas kala iem, sin somuna. Na rua son barudju di kartas ku bentu na buanta ku na sintidu ba. Bentu ta ialsal elis i leba i torna tisil na kau ku i tiraba elis nel. I ta torna elis na kil un kau. Kankrasinhus di batenti na balansa divagar ku kil purmeru bentusihu di parmanha, nkuantu luis na pagadu pikininu pikininu. I sta suma Moura fika sin ningin, i sta suma i baridu di tera i lebadu lundju. Nunde “kilis ku na badjaba, ku na kantaba e na ri pertu di fugera ku sindidu?”

Tchuba ta tchubi na norti i ta tchubi na sul. Iagu di norti ta burdia si lampradura riba di paseiu. Na sul ke ku ta tchubi terbesadu i sol ku si ratina ku ka ta purda. Tchuba ka ta maina. Na sul i pabia i kunfentu di sol, na norte i pabia kunfentu i di firiu ku tchuba.

Un dia, sombras ku firiu na fika trás. Ora ku kil dia tchiga no na odja kaminhu di sul, no na bai tras di un kunfentu di sol. Akasias na neninu, mindjeris bonitu, ku se mandidjas ku ka lundju kurbas di Geba, anti di i na pirdi na korson di matu fitchadu di Guiné.

SANTIAGO MACIAS

TEXTU Armando Napoco, José Maria Pós-de-Mina e Santiago Macias

LITRATU Santiago Macias

DIZENHU GRAFIKU TVM Designers

TEXTU NA KRIOL DI GUINÉ-BISSAU Odete Semedo

KUMSADA DI NPIRMI, NPIRMI KU TARBADJU DI KABANTADA Textype

EDIÇÃO Câmara Municipal de Moura, Moura, 2010

EDISON 1000 exemplares

NUMER KU FASIDU 978-972-8192-42-6

DIPOZITU LEGAL 310 693/10





JIFA BISSAU MOU